



BRUNO DE MENEZES*

Abguar Bastos*

Fomos amigos a partir de 1921. Eu publicara o poema "Noturno" em "A Semana" e Bruno era redator da revista.

Nessa década, os intelectuais se aglutinavam em torno de seus ideais e suas esperanças.

Eram os jovens da geração de após guerra (14/18), com espírito renovador, e que foram formando grupos: primeiro na Associação dos Novos, depois em "A Semana", "Estado do Pará", "Belém Nova".

Bruno era o mais velho e entre os mais antigos havia o José Simões e o Rocha Moreira, rendendo homenagem a J. Eustachio de Azevedo, do começo do século, do apogeu da borracha, do cabaré das francesas.

Bruno era jovial, contador de estórias e "causos" em que personagens eram caboclos das ilhas. Cantava por divertimento, imitando pajés e pais-de-santo.

Mas o que encantava em Bruno, além de sua inteligência privilegiada, era a sua vocação para as coisas do povo. Ladainhas, batuques, mastros do Divino, bumbás, todas as manifestações populares encontravam em Bruno o seu maior e mais legítimo intérprete.

Tanto em seu único romance, como em "Boi-Bumbá" e "Batuque", não faz outra coisa senão ir à alma do povo, às suas maneiras cantadas e dançadas de comunicação.

Revela em "Batuque" a célebre "Oração da Cabra Preta", que "fecha o corpo", espanta os demônios e seduz a mulher amada, com invocação a Santa Catarina. É ainda parte dos feitiços do povo, como o "olho de boto", o "bentinho", o uirapuru seco e preparado, as figas de pau-de-Angola...

Vai buscar nas mais caras tradições da terra o seu material poético: São João do Folclore e Mangericos, Marujada, Pai João, Mãe Preta, Chorinho, Cachaça, Louvação ao Caveleiro Jorge, Gente de Estiva. Lembra "Mãe Ambrosina" aliviando os males e "Mestre Desidério" fazendo mandinga...

Nascido do calor dos povos arrabaldinos, voltava-se para eles com efusão e carinho. O seu talento era o ouro que distribuía entre os humildes. Por isto era alegre, de sentimentos transparentes, de coração boêmio, de riso fácil e comunicativo.

A gente sentia nele uma certa inocência sobre os males do mundo, talvez nem acreditasse neles.

Ao seu lado todos pareciam felizes: eu, Clóvis de Gusmão, De Campos Ribeiro, Jacques Flores, Paulo de Oliveira, Edgar Franco, Alfredo Rodrigues de Souza, Muniz Barreto, os que estavam mais perto.

Mas é justo lembrar sua saudosa e magnífica esposa: Dona Francisquinha, que soube lhe compreender as emoções como sua dedicada companheira, até que ele se foi, coberto com as lágrimas de seus amigos.

Ilustração: desenho
de Andreino Cota.

* Publicado no "Diário
do Pará" - Espaço
Aberto - 24.03.94

* Abguar Bastos, escritor
paraense radicado em
São Paulo. Prêmio
Intelectual do Ano
- Troféu Juca Pato, 1987.